

Dificuldades e desafios para a educação sexual em uma escola técnica do Tocantins

Aline de Sousa Silva ⁽¹⁾,
Mary Lúcia Gomes Silveira de Senna ⁽²⁾
Rivadavia Porto Cavalcante ⁽³⁾ e
Weimar Silva Castilho ⁽⁴⁾

Data de submissão: 7/12/2021. Data de aprovação: 2/11/2022.

Resumo – No âmbito da educação sexual, a escola e os educadores têm papel fundamental, podendo contribuir positivamente para uma educação integral, social e culturalmente libertadora, em que o conhecimento ultrapasse a técnica e o conteúdo dos currículos das disciplinas, tornando claras as relações entre o saber e a vida cotidiana. Nesse sentido, esta pesquisa objetivou investigar a percepção dos professores que atuam no curso Técnico em Eventos de uma escola técnica do Tocantins a respeito da educação sexual, buscando compreender as dificuldades e os desafios ao abordar essa temática em sala de aula. Para tanto, utilizou-se como proposta metodológica a abordagem quanti-qualitativa, envolvendo a pesquisa exploratória por meio de um questionário semiestruturado contendo 11 questões que permearam a opinião desses professores a respeito da temática abordada. O questionário foi elaborado no Google Forms e enviado por e-mail a esses docentes. Os resultados indicaram que a maioria dos docentes não abordam a educação sexual em suas aulas, e 100% afirmam não ter tido formação sobre essa temática. Neste trabalho, concluiu-se que os principais fatores limitantes da educação sexual em sala de aula estão relacionados ao preconceito presente no contexto familiar, à falta de conhecimento e de formação dos docentes, aos credos religiosos e à diversidade social e político-econômica dos estudantes.

Palavras-chave: Contexto histórico-cultural. Educação sexual. Percepção dos professores.

Difficulties and challenges for sex education in a technical school in the Tocantins

Abstract – In the context of sex education, school and educators play a fundamental role, they can contribute positively towards an integral and culturally liberating education, in which knowledge goes beyond the technique and content of the subject curricula, making clear the relationships between knowledge and everyday life. In this sense, this research should investigate the perception of teachers who work in the technical school of Tocantins about sex education, seeking to understand the difficulties and challenges when approaching this topic in the classroom. For that, we used a quantitative and qualitative approach as a methodological proposal questions that permeate the exploratory research through a semi-structured questionnaire containing 11 questions that permeated the opinion of these teachers regarding the theme addressed. The questionnaire was prepared in Google Forms and sent by email to these teachers. The results indicate that most teachers do not address sex education in their

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins - IFTO. [*aline.silva28@ifto.edu.br](mailto:aline.silva28@ifto.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9818-6584>

² Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins - IFTO. [*marysenna@ifto.edu.br](mailto:marysenna@ifto.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4112-5470>

³ Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins - IFTO. [*riva@ifto.edu.br](mailto:riva@ifto.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6568-7910>

⁴ Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins - IFTO. [*weimar@ifto.edu.br](mailto:weimar@ifto.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5642-6049>

classes, as well as 100% of these authors have no training on this topic. In this work, the main limiting factors of sex education in the classroom related to prejudice present in the family context, the lack of knowledge and training of teachers, religious beliefs and the social, political and economic diversities of students.

Keywords: Historical-cultural context. Sex education. Teachers' perception.

Introdução

Ao longo da história da educação sexual, no século XX, ocorreram consideráveis conquistas e notáveis recuos que implicaram efetivamente os direitos fundamentais do cidadão e a democracia brasileira, e, entre um documento e outro, a sexualidade perdeu seu caráter educativo, no sentido mais amplo, ficando restrita aos aspectos biológicos, através das aulas de ciências, deixando de ser interdisciplinar para ser disciplinar (BARBOSA *et al.*, 2019 a).

Moura *et al.* (2011) abordam que, sendo a sexualidade um tema transversal, que não conta com um profissional responsável e, ao mesmo tempo, a queixa frequente dos professores de que o tema é um forte interveniente na sala de aula, a questão se torna, muitas vezes, uma “batata quente”, pois vai passando de mão em mão, e o que era responsabilidade de todos acaba sendo de ninguém.

Segundo a visão gramsciana, a escola tem uma função social e deve ministrar um trabalho pedagógico comprometido com o ser humano e a sociedade que se quer. É um espaço privilegiado para trabalhar o conhecimento. Porém, não deve ter um saber fechado “em si mesmo”, de modo que é preciso saber o que acontece fora e trazer para um real contexto escolar interno, podendo alcançar o todo.

Meira e Santana (2014) destacam que cada humano carrega consigo um saber sócio-histórico construído, necessitando não somente relacioná-lo com as transformações do mundo, mas, por meio dessa relação, estabelecer significados e criar novos conhecimentos, conceitos e comportamentos que o ajudem a viver melhor no mundo que o cerca.

Nesse contexto, Lima *et al.* (2015) mencionam a sexualidade enquanto palavra, conceito construído cultural, social e historicamente e que apresenta impactos diversos mediante a concepção de cada pessoa. Na educação, ela deve ser trabalhada de forma a sair dos conceitos espontâneos para conceitos científicos. Ainda segundo esses autores, trabalhar os conceitos de sexualidade adquiridos de forma espontânea dentro do processo de desenvolvimento do sujeito, utilizando a educação como forma de emancipação humana, é colocá-la em um contexto em que a diversidade deve ser o ponto crucial para o desdobramento de novos conceitos científicos, capazes de desmistificar sua localização apenas física, biológica e reprodutiva.

A sexualidade, segundo Nothaft *et al.* (2014), é um componente intrínseco à pessoa, superando as fronteiras do biológico, revelando-se, também, como um fenômeno psicológico, cultural e social, influenciado por crenças, valores pessoais, familiares, normas morais e tabus da sociedade. Os tabus sociais, os quais tratamos no texto, referem-se a uma proibição da prática de qualquer atividade social. São tidos como assunto proibido, algo que não pode ser discutido e que tende a ser evitado a qualquer custo pelo senso comum. Esses comportamentos se justificam, segundo Oliveira, Rezende e Gonçalves (2018), porque o tema sexualidade sofre forte influência cultural e está atrelado a mitos, preconceitos e concepções distorcidas.

Em conformidade, Louro (2008) aponta que a sexualidade deve ser compreendida como um processo construído ao longo do desenvolvimento dos sujeitos, influenciado por aprendizagens e experiências sociais e culturais.

Nessa vertente, em seus estudos, Figueiró (2018) observou que uma das dificuldades encontradas para que essa temática seja trabalhada nas escolas é que os professores, em sua maioria, não foram preparados para lidar com temas que envolvem a sexualidade e a educação sexual, fazendo com que essa temática seja evitada sempre que possível. Ante o exposto, Viçosa *et al.* (2018) consideram que a formação docente necessita da adoção de um novo olhar que

considere em seus enfoques, independentemente da área de formação, temas pertinentes à formação integral do sujeito, entre eles a educação sexual, utilizando a interdisciplinaridade como forma de desenvolver propostas que contemplem o ambiente como um todo.

O desenvolvimento desta pesquisa justifica-se pela importante reflexão acerca das dificuldades e dos desafios de implementação da educação sexual no ambiente escolar. Nesse sentido, Kurpel, Gagliotto e Couss (2017) registram que é na escola que o professor pode desenvolver ações que visem desmistificar tabus, quebrando paradigmas e trazendo novas perspectivas e formas de pensamento que, através de reflexões, podem auxiliar na desconstrução e ressignificação das novas ideias.

Diante disso, este estudo teve como objetivo geral investigar a percepção dos professores que atuam no curso Técnico em Eventos de uma escola técnica do Tocantins a respeito da educação sexual, e, como específicos, compreender as dificuldades e identificar por meio dos relatos os desafios de implementação ao abordar essa temática em sala de aula.

Materiais e métodos

Para atingir o objetivo traçado para esta pesquisa, utilizou-se como proposta metodológica a abordagem quanti-qualitativa, envolvendo a pesquisa exploratória. Com relação aos tratamentos quanti-qualitativos, os resultados podem ser complementares, enriquecendo a análise e as discussões finais, visando fornecer um quadro mais geral da questão em estudo (MINAYO, 2016). Sobre a pesquisa qualitativa, Marconi e Lakatos (1996) explicam que se trata de uma pesquisa que tem como premissa analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e, ainda, fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento. Já sobre a pesquisa exploratória, Gil (2021) menciona que esta deve proporcionar uma maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

A pesquisa foi realizada em outubro de 2021, e os participantes foram 19 professores de ambos os sexos que atuam no Curso Técnico em Eventos, tanto nas disciplinas da base comum quanto nas da base técnica específicas da formação do curso em questão. A razão da escolha é por ser esse um curso que, em sua maioria dos estudantes são mulheres. Todos os docentes envolvidos na pesquisa participaram de forma voluntária, não foram coletados dados pessoais e a participação se deu de forma anônima.

Devido ao momento pandêmico causado pela covid-19, foi utilizado, para a coleta de dados, um questionário semiestruturado elaborado no Google Forms, com perguntas abertas e fechadas, contendo 11 questões, enviado por e-mail a esses docentes. Os questionamentos feitos giraram em torno do tempo que atuavam no *campus*, as disciplinas que ministravam, se abordavam algum assunto de educação sexual nas disciplinas que ministravam, se achavam importante abordar assuntos relacionados a educação sexual, se os planos de cursos possibilitam trabalhar essa temática e, entre outras, quais eram as principais dificuldades encontradas para trabalhar essa temática abertamente.

Sobre a ferramenta questionário, Gil (2021) a define como uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo como objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Sobre o curso Técnico em Eventos, destaca-se que este pertence ao eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer e sua carga horária total é de 3700,00 horas. Com base no Projeto Pedagógico de Curso - PPC (2013), a duração do curso é de três anos e ele é oferecido de modo presencial e articulado ao ensino médio. Seu objetivo geral é proporcionar ao estudante a capacidade para o exercício do trabalho, aliando formação profissional técnica em eventos com escolaridade correspondente ao ensino médio. O perfil do profissional a ser formado nesse curso é de um profissional capaz de auxiliar e atuar na prospecção, no planejamento e na execução

de serviços de apoio técnico e logístico de eventos e cerimoniais, utilizando corretamente o protocolo e a etiqueta formal, realizando procedimentos administrativos e operacionais relativos a eventos.

Para fundamentar as discussões, recorremos a aportes teóricos de Vigotsky (2007), que subsidiam os estudos sobre o desenvolvimento das capacidades psicológicas superiores do ser social e dos processos mediadores educativos e formativos; à Pedagogia progressista de Freire (1996, 2005), que nos instrui sobre os saberes necessários ao docente e ao discente no cumprimento dos princípios da educação formal; e a Ramos (2010), que elucida sobre a necessidade de integração dos saberes disciplinares (gerais e específicos) no currículo e na prática de ensino e de aprendizagem dos alunos. O estudo contou, também, com a contribuição de outros teóricos que estudam a educação sexual nas escolas brasileiras, de forma a correlacionar suas contribuições numa perspectiva integral, histórico-social e humanística. Essa base teórico-conceitual fundamentou e elucidou os procedimentos, a compreensão do trabalho analítico dos dados e seus resultados, em destaque a seguir.

Resultados e discussões

Para Moreira e Folmer (2015), o conhecimento técnico-científico é primordial para que o docente se sinta seguro em abordar o tema sexualidade em sala de aula. Nesse quesito, Barbosa e Folmer (2019b) expõem que não é necessário que os educadores sejam especialistas na área da educação sexual, porém é importante que conheçam seu conceito ancorado no embasamento científico para que possam reconhecer sua importância no ambiente escolar.

Com vistas a identificar as dificuldades e os desafios da educação sexual no âmbito de uma escola técnica do Tocantins, com os professores do curso Técnico em Eventos, os questionários mostraram que a maioria desses docentes não abordam a educação sexual em suas aulas, bem como 100% afirmam nunca ter tido formação sobre a temática.

Outras dificuldades apontadas por esses profissionais são a falta de abertura nos livros didáticos, a ausência dessa temática nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) e a falta de tempo. De modo semelhante, Barbosa *et al.* (2019a) e Gesser *et al.* (2015) apontaram em suas pesquisas que a maioria dos docentes entrevistados não tiveram acesso a formação inicial nem a formação continuada relacionada às temáticas gênero e sexualidade ou educação sexual.

Nothafft *et al.* (2014) retratam que, quando o tema é a sexualidade, a falta de formação sistematizada conduz a estratégias diversas em termos pedagógicos e metodológicos, o que pode aumentar o risco de condutas repressivas, punitivas e discriminatórias. Também Figueiró (2010) e Louro (2008) corroboram que a dificuldade em trabalhar a educação sexual está relacionada com a própria constituição histórica da sexualidade. As práticas higienistas e a repressão da liberdade de expressão sexual, alinhadas a algumas crenças religiosas, caracterizaram o início da educação sexual no Brasil, valorizando as relações heterossexuais, o patriarcado e a visão da sexualidade como um tabu.

Dos 19 professores que participaram da pesquisa, todos atuam no *campus* há mais de dois anos, e alguns já estão há mais de uma década na instituição. Quando perguntados se os PPCs dos cursos nos quais lecionam mencionam a educação sexual como um tema transversal, mais de 70% dos entrevistados responderam que não, e apenas 11% disseram que sim. Em conformidade, Freitas *et al.* (2017) também constataram em sua pesquisa que o motivo que impossibilita a inserção da educação sexual na escola é a falta de legislação que torne o tema obrigatório no contexto escolar. Nesse sentido, como afirmam não haver essa temática nos planos de curso, a maioria não coloca em prática — apenas três professores afirmaram que o fazem. Os relatos dos professores 1, 2 e 3, elencados a seguir, explicitam as percepções que esses profissionais construíram sobre como trabalham e abordam temáticas e conteúdos da educação sexual no contexto de suas aulas.

Relato do professor 1: *“Abordo nos conteúdos do primeiro ano nas aulas de fisiologia e anatomia humana”.*

Relato do professor 2: *“Em minha abordagem sempre procuro estabelecer um diálogo repensando aquilo que já está estabelecido, de como os papéis do masculino do feminino, as questões de gênero, são sempre construções culturais e que ultrapassam em muito uma mera descrição biológica dos processos fisiológicos. Acredito que dessa forma possa contribuir para que eles consigam pensar enquanto sujeitos ativos das suas histórias pessoais, enquanto protagonistas de suas histórias afetivas”.*

Relato do Professor 3: *“Eu abordo a temática sobre a sexualidade pois ela é uma importante dimensão da vida social, portanto, sociológica. É o meu dever enquanto professor de Sociologia”.*

Conforme demonstrado nos excertos de relatos docentes, os professores portam consigo diferentes percepções de como abordar esse conteúdo nas disciplinas que ministram, o que gera um quadro de complexidade que merece estudos aprofundados sobre a problemática, que envolve os conteúdos/saberes que deveriam promover a educação e a formação crítica do sujeito-aluno sobre a sexualidade. Os resultados supracitados nos levam a refletir sobre a principal crítica que Freire (2005) faz ao modelo de educação dos anos em que escreve sua obra sobre a educação bancária, considerando apenas o educador como sujeito, pois o educando será somente “depósito” receptor de conteúdos memorizados ingenuamente, mecanicamente, sem a devida participação e dialogicidade, próprias de um processo de ensino-aprendizagem, em que educadores e educandos aprendem e ensinam, mediatizados pelo mundo. É uma espécie de desconfiguração do caráter histórico e da historicidade próprias da existência humana. Logo, essa restrição ao diálogo quanto à educação sexual impede o estudante de também ser autor e protagonista da sua aprendizagem.

Sobre essa questão, Burchard, Barbosa e Copetti (2020) enfatizam que é necessária uma formação docente que amplie os conhecimentos sobre as dimensões da sexualidade em sala de aula, para que a educação sexual não contemple apenas conhecimentos biológicos, mas atenda às necessidades dos estudantes, contemplando suas dúvidas e curiosidades acerca da sexualidade, resultando em escolhas mais responsáveis e assertivas com relação a sua saúde. Aqui compreendemos nitidamente o papel da escola e, sobretudo, do professor no processo de mediação, produção e difusão dos conhecimentos, especificamente quando tratamos de assuntos relacionados a educação sexual, em que estão inclusos saberes necessários para a vida, para uma formação omnilateral dos sujeitos, que implica a integração das dimensões fundamentais da vida que estruturam a prática social.

Como mencionado anteriormente, essas dimensões fundamentais da vida são o trabalho, a ciência e a cultura (RAMOS, 2010, p. 49). A cultura, enquanto uma das dimensões essenciais da vida, está intimamente relacionada à formação da subjetividade, individualidade, personalidade e identidade da pessoa. Por essa razão, o estudo da sexualidade na educação básica converte-se em um repertório de conhecimentos indispensáveis para sua formação geral.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 2001, p. 9) estabelecem que, se a escola deseja ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano.

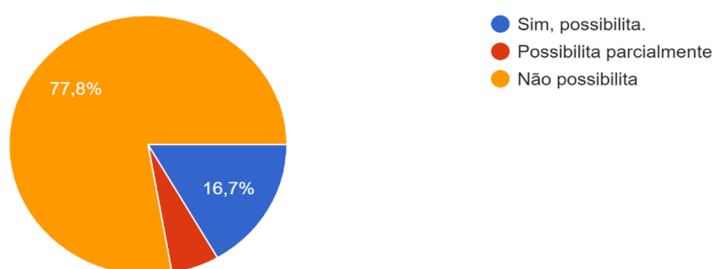
Nos estudos de Barbosa *et al.* (2019a), os resultados também revelaram que a falta de preparo dos professores e a falta de material e recursos também são fatores que dificultam a abordagem do tema educação sexual em sala de aula. Moisés e Bueno (2010) expõem que

trabalhar a sexualidade como tema transversal implica pensar na qualidade da formação profissional do docente e nas condições de trabalho deste, adicionando novo conteúdo ao conteúdo curricular já programado, já que o educador é posto como o agente da execução das propostas feitas pelos PCNs.

Como podemos observar abaixo, quando indagados sobre abertura que o livro didático proporciona, quase 80% afirmaram que este não possibilita trabalhar essa temática.

Gráfico 1 – Representação da porcentagem de inserção da educação sexual nos livros didáticos

O livro didático utilizado, possibilita trabalhar essa temática?
18 respostas



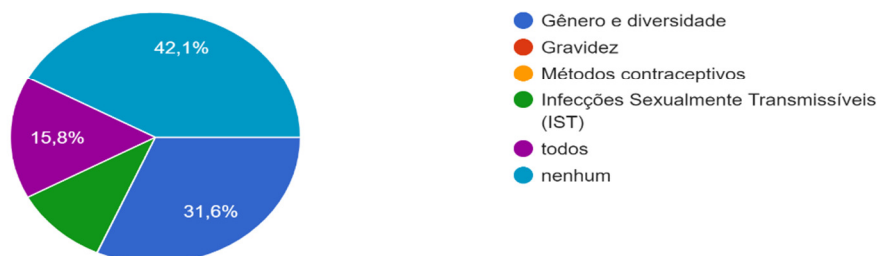
Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Segundo Bittencourt (1993), o livro didático é uma ferramenta utilizada por professores dentro e fora da sala de aula, no preparo das aulas, como guia de conteúdo, no planejamento do ano letivo e na elaboração de exercícios e questionários. É, portanto, um auxílio importante para os professores, e torna-se imprescindível que este contenha textos que abordem os temas que precisam ser trabalhados em sala de aula, como sexualidade e educação sexual (FERREIRA; MACHADO; PEDREIRA, 2020).

Outro quesito levado em discussão foram os assuntos que permeiam essa temática. Em suas declarações, os docentes julgam as questões de gênero e diversidade sensíveis para debater com seus alunos, porém a maioria afirma não ter problemas em abordar conteúdos que tratam de educação sexual. Abaixo apresentamos o gráfico que representa essa questão.

Gráfico 2 – Representação dos assuntos de educação sexual que são mais sensíveis para discutir em sala de aula

Com relação a essa temática, qual assunto você tem mais receio de falar em suas aulas e que podem ser motivo de polêmicas entre os alunos?
19 respostas



Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Em suas pesquisas sobre a educação sexual nas escolas brasileiras, Furlanetto *et al.* (2018) apontam que as discussões sobre gênero e identidade não podem ser confundidas com qualquer

tipo de doutrinação moral ou ideológica, mas devem estar associadas ao desenvolvimento da cidadania. Esses autores defendem ainda que reprimir as diferentes formas de expressão da sexualidade humana em uma sociedade não faz com que a sexualidade deixe de existir, somente a oculta. Por conseguinte, Bailey *et al.* (2016) pontuam que aceitar a diversidade sexual e de gênero não faz com que ela se propague, mas promove uma convivência respeitosa. Assim, a escola se apresenta como um campo fértil de situações que refletem as relações sociais que ocorrem externamente a ela, o que justifica os avanços das estratégias de educação sexual nesses locais.

Nesse sentido, Freire (1996) também contribui com os seguintes questionamentos:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 1996, p. 17).

Aqui podemos inferir a importância de haver uma proximidade entre o educador e o educando, ao passo que temas do cotidiano e da vida sejam abordados sem julgamentos, sem tabus, para que seja estabelecida uma intimidade, uma relação de confiança, e, sobretudo, para que o aluno possa construir seu próprio conhecimento.

Em seus estudos, Sarmiento *et al.* (2018) julgam necessário que os docentes ultrapassem as várias limitações para incluir temas como Infecções Sexualmente Transmissíveis e educação sexual dentro do contexto escolar de forma leve, visando educar para prevenir através de um ensino baseado no diálogo e na construção de uma relação de confiança entre professor e aluno.

Nunes (2005) explica que a dificuldade para se trabalhar essa temática na educação é a linguagem utilizada, pois, de um lado, tem-se a linguagem tradicional depreciativa, estereotipada, estigmatizada, frequentemente de baixo nível, e, de outro, a linguagem técnica, científica, descritiva e fria. É necessário avançar para uma linguagem mais humanizada, afetiva e significativa. Aqui, nota-se a linguagem como importante instrumento de construção social e de mediação (VYGOTSKY, 2007) no processo de ensino e aprendizagem, que necessita ser refletida e estar de acordo com a realidade dos educandos, sempre ancorada nos princípios éticos, humanísticos e integrais.

Para Lima *et al.* (2015), a linguagem possui uma função de regulação, e o pensamento não se reduz a um ato mecânico da realidade, mas a um elemento de organização da experiência que se apoia na linguagem. A palavra é carregada de significados, que devem ser analisados a partir de diversos novos conceitos, dependendo do contexto em que é empregada. Podemos também compreender essa relação por meio da teoria da Mediação de Vigotsky (2007), na qual o professor parte daquilo que o aluno sabe (conhecimento real) rumo a um saber a ser alcançado (zona de desenvolvimento potencial). Nesse intermédio, temos o importantíssimo papel do professor, fazendo a mediação (zona de desenvolvimento proximal). Essa relação possibilita aos estudantes dar um salto qualitativo em relação a sua própria história, em relação a seu próprio conhecimento, a suas experiências e ao que já sabem. Assim, compreende-se que toda ação ou atividade humana é mediada socialmente.

Lima *et al.* (2015) enfatizam ainda que trabalhar os conceitos de sexualidade adquiridos de forma espontânea dentro do processo de desenvolvimento do sujeito, utilizando a educação como forma de emancipação humana, é colocá-la em um contexto no qual a diversidade deve ser o ponto crucial para o desdobramento de novos conceitos científicos, capazes de desmistificar sua localização apenas física e biológica e reprodutiva.

No que tange aos desafios de abordar essa temática em sala de aula, os docentes expressaram em seus relatos percepções que nos apontam que eles detêm vários pontos de vista. Destacamos alguns excertos de relatos que são relevantes para as nossas discussões e que vão

ao encontro ao objetivo proposto. Após a exposição destes, tece-se, na sequência, reflexão sobre o resultado da análise acerca desses enunciados.

“O preconceito dos pais, pois eles ainda não compreendem a importância de informar e orientar os filhos sobre essas questões”.

“Às vezes existe dificuldade de abordar o tema de forma clara e séria com estudantes com posturas fanático-religiosas ou demasiadamente imaturos ou moralistas”.

“Não tenho didática nem capacitação para trabalhar essa temática. Não tenho informações técnicas, só tenho conhecimento empírico sobre o tema”.

“Creio que seja um assunto normalmente delicado, ainda mais considerando a falta de formação sobre esse tema. Nesse sentido, falta conhecimento, informação, atualização, vivência, compreensão. Os currículos deveriam tratar desse tema para que o entendimento se amplie e que, principalmente, as discriminações deixem de acontecer acerca dessa temática”.

“Os nossos alunos vêm de distintas relações familiares, com diferentes credos religiosos, como também grupos sociais diversos. Toda essa diversidade leva a concepções cheias de contrastes e paradoxos, as quais, muitas vezes, podem dificultar trabalhar a sexualidade em sala de aula”.

“O bolsofascismo cultural, que enxerga ideologia em tudo, menos na homogeneização do pensamento que vem sendo imposto, em especial por adeptos do “Escola Sem Partido”, que deveria ser lido como “Escola de Pensamento Único”.

“O maior desafio é trabalhar temas tão importantes numa sociedade hipócrita, machista, misógina, homofóbica, racista, desinformada e incitada por mentes perturbadas intolerantes”.

“Na verdade, a maior dificuldade que eu vejo é encontrar as condições ou produzi-las para que os estudantes consigam se abrir quanto a esse aspecto. Há muitos estudantes com profundas dificuldades de identificação de gênero ou mesmo em relação aos problemas que enfrentam com suas famílias e que, muitas vezes, não são oportunizados os momentos em que isso possa ser discutido. De modo geral, eu vejo que essa geração está muito aberta para conversar, para se posicionar, para problematizar, para questionar”.

Diante dos relatos, fica evidente que muitas são as dificuldades dos educadores para trabalhar a educação sexual, com impasses que abrangem desaprovação da família, a imaturidade dos estudantes, falta de formação técnica e científica. Junto a isso, entram questões religiosas, machismo, racismo, intolerância e a diversidade social. Todas essas dificuldades citadas se assemelham aos achados na literatura consultada.

Trevisol (2008) discute que, ao pensarmos no ambiente escolar, é inquestionável a variedade de manifestações da sexualidade que o professor irá presenciar, uma vez que a escola apresenta-se como um espaço em que ocorrem múltiplas manifestações da sexualidade devido aos diferentes meios socioculturais e familiares que implicam diferentes experiências, aprendizagens, leituras e representações de mundo com formas de julgamentos, valores e comportamentos distintos.

Barcelos e Jacobucci (2011) expõem que a dificuldade que os professores apresentam está relacionada à forma como esses profissionais encaram a temática, ainda vista como tabu. Para as autoras, outra situação que merece destaque está associada à influência religiosa e familiar, que muitas vezes conflita com a atual realidade. Além dos fatores apontados pelos

autores mencionados, Moreira e Folmer (2011) concordam que a falta de preparo dos profissionais da educação também é um dos fatores determinantes aos desafios do ensino de sexualidade nas escolas, fato semelhante ao encontrado neste estudo.

Lara e Abdo (2015) julgam fundamental para minimizar as dificuldades ao trabalhar essa temática a implementação, desde a formação inicial dos futuros educadores, de propostas interdisciplinares que utilizem temas transversais de relevância e urgência social. Louro (2008) enfatiza que formar conceitos científicos sobre a sexualidade exige desconstruir o que foi implantado pela cultura e socialmente falado e reconstruir a partir das novas relações formalizadas no trabalho, na comunicação, na e por meio da linguagem. Posicionar o sujeito atual quanto à sexualidade e outras temáticas em uma cultura heterogênea é formá-lo para o novo e para a diversidade, assumindo os riscos e a precariedade, admitir os paradoxos, dúvidas e contradições.

Nessa vertente, Lanes *et al.* (2015) também afirmam que precisamos trazer os professores para uma educação sexual emancipatória, fazendo-os refletir sobre os costumes repetidos acriticamente em nossa sociedade, questionando-lhes se os tabus, preconceitos e medos servem ainda para a realidade em que vivemos, tentando levá-los falar com naturalidade sobre a temática da sexualidade. Uma vez que é por meio da interação social que o homem aprende e se desenvolve (VYGOTSKY, 2007), constrói novas e diversas formas de atuar no mundo, a teoria Vygotskyana pressupõe contemplar o homem com um ser biológico, histórico e social, tornando essa perspectiva a mais coerente para justificar, legitimar e afirmar que a sexualidade é um processo histórico-cultural, visto que se manifesta durante todo desenvolvimento do homem.

Nesta pesquisa, no que tange às possibilidades de se trabalhar esse tema, notamos pouca abertura para tal. A minoria dos professores afirmou trabalhar alguns conceitos relacionados a assuntos curriculares, entre eles conteúdos de biologia, educação física e sociologia. Abaixo apresentamos alguns relatos desses docentes:

“Os estudantes do ensino médio vivem bombardeados de informações vazias, de procedência duvidosa e fake news, facilmente encontradas na internet e redes sociais, mas são muito carentes de informação segura e proveniente do seio familiar. Assim, muitas vezes, a curiosidade e carência de informação é tão grande que toma conta da aula que tinha outra proposta”.

“Conversar com jovens e expor questões sobre saúde e gravidez no repasse de informações pertinentes. Só pra dar uma ideia, Palmas foi apresentada como a capital com maior índice de incidência de HPV no Brasil (72%)”.

“Sou muito interessado no tema dos movimentos sociais, daí, leio sobre movimentos das mulheres, dos LGBTs, da saúde pública”.

A partir desses excertos, fica explícita a relevância de conhecer as múltiplas causas dessa realidade para que seja possível aprofundar as questões sobre educação sexual nas instituições de ensino e, assim, propor intervenções didáticas alinhadas com as especificidades de cada território, raça e classe social. A carência de abordagem dessa temática é notória. Alguns professores relataram que, quando uma curiosidade a respeito desse tema emerge na sala de aula, acaba tomando todo o tempo da aula e muda totalmente a proposta que havia sido planejada. Por conseguinte, é evidente a ausência de tempo e espaços para tratar de questões tão fundamentais para a vida dos escolares em formação.

Corroboram esse estudo Barbosa e Folmer (2019a), expondo que a curiosidade, o interesse e uma mentalidade mais aberta dos adolescentes pelo tema também foram citadas

pelos professores entrevistados nas suas pesquisas como fatores que possibilitam a abordagem da educação sexual na sala de aula, de forma que existe a procura pela temática a partir de dúvidas e questionamentos.

É importante destacar que esses dados não contemplam a percepção de todo o quadro de professores da instituição pesquisada. O que evidenciamos é apenas um recorte desse amplo domínio, sendo necessário delimitar atos e fazer escolhas que orientem a produção de saberes e práticas voltados para as necessidades de manutenção da educação sexual nesses ambientes de ensino.

Considerações finais

Com base nos resultados e nas discussões apresentados, podemos afirmar que o processo de construção da sexualidade acontece desde o nascimento do ser humano, o qual encontra-se permeado de conhecimentos e informações que lhe são transmitidos ao longo de toda sua vida. Essas informações e esses conhecimentos se modificam de acordo com os diversos contextos, culturas e fatos históricos, e a interpretação, a inferência e a compreensão que o indivíduo tem desses conhecimentos adquiridos é que vão modificar sua consciência e seu comportamento. Assim, temos o sujeito como um ser ativo no seu processo de formação e desenvolvimento sendo constantemente mediado pelo meio social.

Esta pesquisa apontou que, embora o tema educação sexual ainda seja visto como um tabu, permeado de preconceito, polêmicas e conceitos equivocados, é necessário, no contexto escolar, mudar posturas e percepções e repensar propostas, estratégias e ações de enfrentamentos dos problemas para que esse tema tão importante para a vida seja trabalhado transversalmente na sua integralidade. A referida evidência facilita e favorece a participação de escolares na construção do conhecimento para uma sexualidade emancipatória e desprovida de preconceitos e tabus.

Constatou-se também que os professores participantes deste estudo enfrentam vários desafios que dificultam a efetivação da educação sexual nessa instituição de ensino, entre eles o receio da desaprovação da família, a falta de formação inicial e continuada, a falta de abertura nos livros didáticos, a ausência dessa temática nos planos de cursos, os diferentes credos religiosos e a diversidade cultural dos estudantes. Assim, é fundamental avançar nas discussões, no conceito amplo de sexualidade e suas influências culturais, bem como nas questões dos direitos humanos, sem nos distanciarmos das questões de promoção da saúde e prevenção dos riscos e vulnerabilidades inerentes à adolescência e juventude. Outra maneira de minimizar essas dificuldades é garantindo um espaço de diálogo entre a escola e a família para discutir e refletir sobre a importância da educação sexual e promover formação continuada em educação sexual no contexto escolar para os docentes.

Também é de suma importância uma formação docente que amplie os conhecimentos sobre as dimensões da sexualidade em sala de aula e que prepare para fornecer informações cientificamente precisas, realistas e sem julgamentos. Para que a educação sexual não contemple apenas conhecimentos biológicos, ou mesmo que seja silenciada, como na maioria dos estudos evidenciados, é necessário que atenda integralmente às necessidades dos estudantes, e isso inclui atentar para as dúvidas e curiosidades deles acerca da sexualidade, resultando em escolhas mais responsáveis, pautadas em uma visão crítica e assertiva com relação ao seu corpo, sua saúde e sua individualidade.

Por fim, observamos a necessidade de mais pesquisas nesse campo, para que os estudantes também possam manifestar seus anseios e suas opiniões sobre o que julgam importante e necessário, mas que não é debatido no ambiente escolar. Evidencia-se ainda a necessidade de mais estudos para analisar como essa temática está inserida nos PPCs dos demais cursos.

Referências

BARBOSA, L. U. Lopes, C. S. C. L., Sousa, B. S. A. de, & Folmer, V. O Silêncio da Família e da Escola Frente ao Desafio da Sexualidade na Adolescência. **Ensino, Saúde e Ambiente**, [s. l.], v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/resa2019.v12i2.a21625>. Acesso em: 8 nov. 2021.

BARBOSA, Luciana Uchôa; VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes; FOLMER, Vanderlei. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, p. 772, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e772.2019>. Acesso em: 22 out. 2021.

BARBOSA, Luciana Uchôa; FOLMER, Vanderlei. Facilidades e Dificuldades da Educação Sexual na Escola: Percepções de Professores da Educação Básica. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, [s. l.], v. 9, n. 19, p. 221-243, 2019. Disponível: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>. Acesso em: 24 ago. 2022.

BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de ciências e biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 334-45, 2011. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART6_VOL10_N2.pdf. Acesso em: 24 ago. 2022.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993. 383 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-28062019-175122>. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28062019-175122/pt-br.php>> Acesso em: 30 nov. 2022.

BURCHARD, Camila; BARBOSA, Luciana; COPETTI, Jaqueline. (2020). **Prática docente acerca do tema sexualidade: uma revisão sistemática**. Research, Society and Development. 9. 821974993. 10.33448/rsd-v9i7.4993. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4993>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FERREIRA, B.; MACHADO, L. A.; PEDREIRA, A. J. L. A. O tema sexualidade humana nos livros didáticos de Biologia mais distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático 2015. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 11, n. 00, p. e020036, 2020. DOI: 10.22294/eduperppgeufv.v11i00.8726. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8726>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem? In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: CRV, 2018. p. 243-258. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/395>. Acesso em: 20 out. 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio.** 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 42. ed.

FURLANETTO, M. F. et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa* [online]. 2018, v. 48, n. 168 [Acessado 30 novembro 2022], pp. 550-571. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053145084>>. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/198053145084>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

KURPEL, Denise Fátima; GAGLIOTTO, Gisele Monteiro; COUSS, Luana Cristina Reis. Educação sexual na escola na desmistificação de tabus relacionados à travestilidade. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL, 5., 2017, Maringá. **Anais [...]**. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/>. Acesso em: 18 set. 2021.

LANES, K. G.; Ceccon Lanes, D. V.; Castro Pessano, E. F.; Folmer, V. O Ensino de Ciências e Os Temas Transversais: Práticas Pedagógicas no Contexto Escolar. **Revista Contexto & Educação**, [S. L.], V. 29, N. 92, P. 21–51, 2015. Doi: 10.21527/2179-1309.2014.92.21-51. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/2371>. Acesso em: 30 nov. 2022.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LARA, Lucia Alves da Silva; ABDO, Carmita Helena Najjar. Aspectos da atividade sexual precoce. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia** [online], [s. l.], 2015, v. 37, n. 5, pp. 199-202. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SO100-720320150005207>. ISSN 1806-9339. Acesso em: 8 nov. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

MEIRA, R. D.; SANTANA, L. T. Sexualidade na Perspectiva Histórico-Cultural: primeiras aproximações. **Trilhas Pedagógicas**, [s. l.], v. 4, n. 4, ago. 2014, p. 160-181. Disponível em: <https://fatece.edu.br/arquivos/arquivos-revistas/trilhas/volume4/11.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade.** Ed. Vozes, 2016.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem.** São Paulo: E.P.U. Ltda., 2011. 2. ed., cap.7.

MOREIRA B.L.R.; Rocha J.B.T.; Puntel R. L. & Folmer, V. (2011). Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, 10(1), 64-83.

MOREIRA, B.L.R., & Folmer, V. (2015). Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. *Experiências em Ensino de Ciências*, 10(3) 150-163.

MOURA, Ana Flora Müller *et al.* Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 67, p. 437-446, 2011. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/psicologia_argumento/article/view/20217. Acesso em: 11 nov. 2021.

MOISÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342010000100029&script=sci_arttext. Acesso em: 8 nov. 2021.

NOTHAFT, S. *et al.* Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, [s. l.], v.18. n. 2, p. 284-289, 2014. Disponível em: DOI: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140022>. Acesso em: 2 ago. 2021.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

OLIVEIRA, Edicleia Lima de; REZENDE, Jaqueline Martins; GONÇALVES, Josiane Peres. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. **Revista Ártemis**, [s. l.], v. 26, n. 1; jul-dez, p. 303-314, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320>. Acesso em: 22 jul. 2019.

RAMOS, Marise. Ensino Médio Integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, Jaqueline *et al.* **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap. 2, p. 42-58.

SARMENTO, Sued Sheila *et al.* **Estratégias metodológicas nas abordagens sobre ist no ensino fundamental**. REVASF, v.8, n.17, p.83 – 99, 2018. Disponível em: <http://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/293>. Acesso em: 20 out. 2021.

TREVISOL, M. T. C. A construção de valores na escola: com a palavra os professores do ensino fundamental (1ª a 4ª série). In: Reunião anual da Anped: Sociedade, cultura e educação: novas regulações?, 2009, Caxambu-MG. Anais da Reunião anual da Anped: Sociedade, cultura e educação: novas regulações?, 2009. p. 01-17. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT13-5640--Int.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

VIÇOSA, C. S. C. L. *et al.* Desafio da formação continuada em abordagens acerca do meio ambiente em uma perspectiva interdisciplinar. **Interdisciplinaridade**, [s. l.], n. 12, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/interdisciplinaridade/article/view/36786>. Acesso em: 3 set. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.